

27-11-85

Tsiquiri: recomencar a vida

por Carlos Cardoso, da AIM

O centro de acomodação de Tsiquiri, situado a nove quilómetros da vila de Gorongosa, foi visitado pela delegação das organizações internacionais não-governamentais, na tarde do dia 14.

Os seus 1407 habitantes vivem em

Em toda a volta já há mechambas abertas pelos "recuperados", o último grupo dos quais tinha chegado duas semanas antes da visita desta delegação.

As crianças acercaram-se dos visitantes, mas as mulheres mantinham-se

«São da TEXLOM», diz um responsável local - uma pergunta sobre a origem das capulanas que as mulheres trazem em volta do corpo.

Foi no segundo bairro que os visitantes puderam falar com alguns dos «recuperados», depois de se dividirem em pequenos grupos.

As histórias que contam são todas elas semelhantes. Por exemplo, as histórias de Murtari Serradinha, de 54 anos, Diogo Duarte (41) e Alberto Jimo (58).

Falando em Ndau ou num português quebrado, destiaram uma pequena parte do que foi a vida deles em zonas controladas pelos matsangas. Ao meu lado, Jacqueline Toupin Sin, da Cuso-Suco gravava, e Ulla Andren, da SIDA, escutava em silêncio.

Murtari Serradinha veio para o centro de Tsiquiri, em Outubro, mas durante algum tempo já vivera junto de uma posição das FPLM para onde fugira da sua área de origem. Ele é uma excepção entre os «recuperados»: fala de uma forma agitada, quase antecipando as perguntas.

Disse que fugira dos matsangas «porque lá eles dão porrada e roubam a nossa roupa».

«Aqui não temos medo da FRELIMO mas lá no mato o bandido diz que, quando fomos apanhados pela FRELIMO, seremos mortos», disse o velho Jimo.

E se forem apanhados pelos bandidos agora? perguntámos.

Serradinha contorceu as feições. «Somos mortos porque agora estamos a viver a civilização».

Alberto Jimo tinha 18 pessoas com ele na sua povoação e conseguiu tirá-las todas de lá quando a ofensiva militar conjunta já ia a meio. Hoje estão todas em Tsiquiri.

Explicou que a sua povoação era vigiada constantemente por mudjibas como Samone Candeeiro, Graça Burande e quatro outros. Eram eles que tornavam impossível a fuga, disse o velho Jimo.

Quando os bandidos passavam, roubavam a comida e eram membros das

famílias roubadas que carregavam os produtos para as bases dos bandidos, explicou Jimo.

«Também levavam as raparigas. Pastava já ter manas, levavam. Muitas eram violadas no caminho. E as mulheres eies levavam para cozinhar para eles. Algumas ficavam uma semana. Depois regressavam e ia outro grupo de mulheres», disse o velho Jimo, que acrescentou terem os bandidos morto duas pessoas da sua família.

Serradinha disse que viu duas pessoas serem mortas por mudjibas.

Foi eie que nos falou dos dois tipos de «vestuário» que tinham, depois de os bandidos terem roubado a roupa. Usavam «a roupa das arvores» (casacas de árvores) ou pedaços de parafitas com que os aviões sul-africanos largavam armas e munições para os matsangas.

Serradinha disse que um pedaço de pára-quadras, cerca de um metro quadrado, era trocado por duas ou três galinhas. Disse também que os mudjibas dizem as populações que os pára-quadras «vinham de Portugal».

O velho Serradinha, assim como os restantes homens, recebeu nove peças de roupa depois de ter chegado a Tsiquiri. (As mulheres têm recebido, três peças, entre capulanas e vestidos).

Apenas se queixa de não haver mantas para todos e diz que não quer sair de Tsiquiri.

Quanto à sementeira, «vai andar bem», diz ele.

Diogo Duarte é peremptório. Afirma que ainda há muita gente com os matsangas «mas a maioria já quer vir agora. Já sabem como estamos a viver aqui. Os que chegam dizem-nos que os outros já sabem. Ontem chegaram dois rapazes de 18 anos. Os pais deles já estão cá».

A nossa volta, umas 20 crianças iam escutando em silêncio. Mas quando as despedimos, sorriram e agradeceram entre eies, talvez sobre algumas das facetas mais estranhas desta estranha gente vinda da cidade grande. Enfim, recomencavam a viver.



Murtari Serradinha: «La dão porrada e roubam a nossa comida»

dois bairro: que distam escassos quilómetros do monte Tsiquiri. Do outro lado do monte havia uma base de desarmamento dos bandidos armados, destruída durante a ofensiva conjunta mocambicano-zimbábueana.

Tsiquiri foi o segundo centro de acomodação a ser criado, depois do de Mucodza. «Se tivessem chegado em Outubro não havíamos de ver nada disto», diz o responsável do centro, Zacarias Macâniche. «Só havia esta capela quando começaram a chegar os primeiros "recuperados"».

A capela, uma casa de alvenaria de reduzidas dimensões, serve hoje de armazém para os produtos que vão chegando. O tecto está esburacado e as paredes cobrem apenas metade do caminho entre o chão e o tecto.

Por esta razão, os produtos que chegam já estão a ser armazenados numa barraca de lona. De qualquer maneira, o espaço de armazenamento não chega para as necessidades actuais.

No dia da visita da delegação vinda de Maputo, havia na velha capela enxadas da Índia, foices da China, canteiros de Portugal.

«Agora já não há avanço», diz Macâniche, indicando o 1.º bairro, à volta da capela, e informando da existência do 2.º bairro, a cerca de um quilómetro dali. O trabalho foi feito por representantes da estrutura distrital, cada um encarregue de um trabalho concreto: transportes, saúde, educação, etc.

distantes, olhando apenas, ou prosseguindo o seu caminho com enxadas na mão.



Alguns milho conseguiu esta senhora trazer da sua área de origem e que estava escondido dos matsangas